O MÉTODO EGUN: EPISTEMOLOGIA ANCESTRAL E TECNOLOGIA DE PESQUISA NA FILOSOFIA AFRICANA

Autor:

João Teixeira Borges (Doutorando PPGDC/UNEB, Pesquisador Visitante LASU)

Coautor:

Prof. Dr. Silvar Ferreira Ribeiro (UNEB)

Colaboradores:

Prof. Dr. Julius Tayo Ajayi (LASU)

Prof. Dr. Sunday Adetunji Bamisile (LASU)

RESUMO

Este artigo apresenta o Método Egun *(Ona Egun)*, uma proposta metodológica autoral aprimorada no âmbito da pesquisa de doutorado "Ilê Axé: Faculdade de Filosofia Afro-Brasileira – A Dimensão Filosófica das Comunidades de Terreiro Iorubá no Brasil". O método fundamenta-se na cosmovisão iorubá, que compreende a ancestralidade *(Egun)* como eixo estruturante da realidade e do conhecimento. Diferentemente das metodologias ocidentais que operam por cisão entre sujeito e objeto, o Método Egun propõe uma abordagem integrativa, dialógica e relacional, valorizando a oralidade, a prática ritual e a validação comunitária como critérios epistemológicos legítimos. O artigo descreve os quatro pilares do método — *Ìtàn* (narrativa fundadora), *Ori-Inú* (projeto existencial), *Ìṣẹ́ Ṣíṣe* (prática ritual) e *Àjò Egun* (validação ancestral) — e discute suas aplicações na pesquisa interdisciplinar sobre saberes tradicionais. Conclui-se que o Método Egun oferece uma ferramenta inovadora para a contracolonização do conhecimento e para a valorização das epistemologias africanas e afro-diaspóricas no campo acadêmico.

Palavras-chave: Método Egun; ancestralidade; filosofia africana; transdisciplinaridade; difusão do conhecimento; articulação integrativa; contracolonização do conhecimento.

ABSTRACT

This article presents the Egun Method (Ona Egun), an original methodological proposal refined within the scope of the doctoral research "Ilê Axé: Afro-Brazilian Philosophy Faculty – The Philosophical Dimension of Yoruba Terreiro Communities in Brazil". The method is grounded in the Yoruba worldview, which understands ancestrality (Egun) as a

structuring axis of reality and knowledge. Unlike Western methodologies that operate through a split between subject and object, the Egun Method proposes an integrative, dialogical, and relational approach, valuing orality, ritual practice, and community validation as legitimate epistemological criteria. The article describes the four pillars of the method — Ìtàn (foundational narrative), Ori-Inú (existential project), Ìṣẹ́ Ṣíṣe (ritual practice), and Àjò Egun (ancestral validation) — and discusses their applications in interdisciplinary research on traditional knowledge. It concludes that the Egun Method offers an innovative tool for the decolonization of knowledge and for the valorization of African and Afro-diasporic epistemologies in the academic field.
Keywords: Egun Method; ancestrality; African philosophy; transdisciplinarity; knowledge diffusion; integrative articulation; decolonization of knowledge.

Ona Egun: Epistemologia Ancestral e tecnologia na Filosofia Africana.

Há uma pergunta que não me larga há mais de trinta anos: como se pesquisar aquilo que nos pesquisa?

A academia ocidental nos ensinou um caminho: separar sujeito de objeto, distanciar-se do que se estuda, medir, classificar, categorizar. Esse caminho produziu conhecimento, sim, entretanto, também produziu violências epistêmicas — a violência de quem olha de fora e decide o que é "científico" e o que é "crença", o que é "filosofia" e o que é "folclore", o que é "verdade" e o que é "superstição".

O povo iorubá nunca precisou aprender esse caminho. Porque sempre soube de outro: O caminho da articulação, não da separação; o caminho do diálogo, não da observação distanciada; o caminho da ancestralidade, não do ponto zero.

"Ohun tí a kò bá fọwọ́ sí, a kì í rí i" — "O que não tocamos com as mãos, não podemos ver". Não se conhece um rio de longe; conversa-se com ele. Não se estuda uma folha no laboratório apenas; ouve-se o que ela ensina. Não se pesquisa uma comunidade como objeto; estabelece-se parentesco.

O Método Egun nasceu desse chão. Não o inventei sentado numa biblioteca. Ele emergiu da vivência, dos rituais, das conversas com os mais velhos, das noites de celebração aos ancestrais, das viagens entre Bahia e Benin, Nigéria e Togo. Ele é, ao mesmo tempo, uma metodologia de pesquisa e uma filosofia do conhecimento. Seu nome vem de duas palavras iorubás: *Ona* (caminho) e *Egun* (ossos, ancestrais). É o caminho

dos ancestrais — ou, dito de outro modo, o caminho de quem sabe que o conhecimento não se inventa, se herda; não se conquista, se recebe; não se acumula, se articula.

Este artigo apresenta os fundamentos, os pilares e as aplicações do Método Egun. Ele está endereçado a pesquisadores de todas as áreas que, cansados da violência das categorias e da aridez da suposta neutralidade, buscam outros modos de conhecer — modos que não separam ciência de espiritualidade, razão de emoção, pesquisador de comunidade, presente de ancestralidade.

O que propomos não é um método fechado, uma cartilha de passos a serem seguidos. É uma orientação epistêmica — uma atitude diante do mundo, da pesquisa, da vida. Cada pesquisador que o adotar deverá adaptá-lo ao seu próprio contexto, à sua própria ancestralidade, à sua própria comunidade de pertencimento. O que permanece invariável são os princípios: a centralidade da ancestralidade, o diálogo como procedimento, a validação comunitária como critério de verdade.

Como ensina o provérbio iorubá: *"Ọ̀nà kì í ṣeé tọ́ fún ẹnìkan, a sì máa ń tọ́ fún ẹlòmíràn"* "O caminho que não dá certo para um, dá certo para outro". Que este caminho — o caminho dos ancestrais — seja útil para quem dele precisar.

A pesquisa em contextos interculturais, especialmente quando envolve saberes tradicionais africanos ou afrodiaspóricos, tem sido historicamente marcada por uma assimetria epistemológica. A academia ocidental, predominantemente eurocêntrica, impôs seus métodos, categorias e critérios de validação como universais, desqualificando como "não científico" tudo o que não se conformava aos seus parâmetros (Sodré, 2017). Este processo, denominado epistemicídio, constituiu uma das ferramentas centrais do projeto colonial, visando apagar sistematicamente os sistemas de conhecimento dos povos subjugados assim também como contribui Sueli Carneiro em sua Tese de Doutorado em 2005.

No contexto brasileiro, as Comunidades de Terreiro de matriz iorubá preservam, há séculos, sistemas filosóficos complexos que integram ética, cosmologia, medicina, matemática, pedagogia, arte e espiritualidade em uma estrutura transdisciplinar. No entanto, esses saberes permanecem marginalizados pela academia, tratados como "crença" ou "folclore", quando não como "superstição". A pergunta que orientou o desenvolvimento do Método Egun foi: como investigar esses saberes sem reproduzir as violências epistêmicas do colonialismo?

O Método Egun *(Ona Egun)* emerge como resposta a essa questão. Desenvolvido no âmbito do doutorado em Difusão do Conhecimento (PPGDC/UNEB), com estágio

sanduíche na Lagos State University (LASU), Nigéria, o método propõe uma abordagem que parte da própria cosmo percepção iorubá, tomando a ancestralidade como eixo estruturante da investigação. O nome "Egun" refere-se aos ancestrais, etimologicamente ossos — aquilo que resta, que estrutura, que sustenta. O método é, literalmente, "o caminho dos ancestrais".

Este artigo, também apresenta os fundamentos, os pilares e as aplicações do Método Egun, discutindo sua contribuição para a descolonização do conhecimento e para a valorização das epistemologias africanas no campo acadêmico.

A metodologia aqui ancora-se em três grandes referências teóricas: a filosofia iorubá da oralidade, representada por Sophie Oluwole; a epistemologia afro-brasileira do terreiro, representada por Mãe Stella de Oxóssi e Muniz Sodré; e a crítica contra colonial do conhecimento, representada por Nego Bispo.

A filósofa nigeriana Sophie Oluwole (2017) defende que a filosofia iorubá não é uma imitação ou uma versão menor da filosofia ocidental, mas um sistema de pensamento autônomo, baseado na oralidade e na interdisciplinaridade. Para Oluwole, "os provérbios iorubás são tratados filosóficos condensados" (Oluwole, 2017, p. 45), que codificam ética, metafísica, epistemologia e estética em estruturas linguísticas precisas. A filosofia iorubá está na língua, e a língua está na oralidade viva — não nos livros, mas nas bocas dos mais velhos.

Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, em sua obra Òwe: Provérbios (2007), demonstra como os terreiros funcionam como verdadeiras faculdades de filosofia africana. Para Mãe Stella, "os provérbios são as paredes que sustentam o Ilê Axé" (Oxóssi, 2007, p. 45), e a transmissão do conhecimento se dá pela oralidade e pela prática ritual. O terreiro não é apenas espaço religioso, mas centro de produção e difusão de saber.

O pensador brasileiro Muniz Sodré (2017) analisa a lógica do pensamento nagô como uma "lógica da relacionalidade", que não opera por categorias isoladas, mas por articulações dinâmicas entre diferentes dimensões do real. Para Sodré, "o terreiro é um laboratório interdisciplinar onde o conhecimento não se separa da experiência vivida" (Sodré, 2002, p. 45). Sua obra oferece um contraponto fundamental à lógica ocidental da fragmentação disciplinar.

O pensador quilombola Nego Bispo (2023) propõe uma crítica radical ao epistemicídio, afirmando que "o conhecimento quilombola não cabe nas prateleiras da universidade. Ele é semente, é raiz que rompe o cimento" (Bispo, 2023, p. 95). Sua noção

de contracolonização, que substitui o cercamento colonial pela confluência de saberes, inspira diretamente o Método Egun.

O nome Método Egun provém de duas palavras iorubás: *Ona* (caminho) e *Egun* (ossos, ancestrais). Egun, etimologicamente, refere-se àquilo que estrutura o corpo — os ossos —, mas também aos espíritos dos antepassados que já realizaram sua travessia e agora habitam o *Òrun* (mundo espiritual ou céu). Assim, o Método Egun é "o caminho dos ancestrais" ou "o processo de acessar a inteligência ancestral inerente à própria tessitura da realidade" (Borges, 2025).

Os ancestrais (Egun), no pensamento iorubá, não são fantasmas ou memórias passivas. São guardadores ativos do axé (força vital) e das leis *(Orisà)* que regulam o universo. Eles são a memória viva da floresta, do rio, da pedra e da linhagem humana. Pesquisar com o Método Egun é, portanto, estabelecer um diálogo ritual com essa inteligência ambiental e ancestral.

***Isepo:* As juntas epistemológicas**

Do ponto de vista de reflexão mitológica, propomos uma substituição radical no modo de estruturar o pensamento: em vez de categorias — herdadas da tradição aristotélica e kantiana, que operam por hierarquização, exclusão e fragmentação —, o método trabalha com juntas *(Isepo).* A diferença não é meramente terminológica. Ela toca na própria ontologia do conhecimento.

Desde Aristóteles, as categorias foram concebidas como os gêneros supremos do ser: substância, quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, tempo, lugar, posse, estado. Cada entidade no mundo seria classificável em uma e apenas uma, dessas categorias. Kant, por sua vez, inverteu a direção: as categorias não estão no mundo, mas no entendimento — são as formas a priori pelas quais o sujeito constitui a experiência. Em ambos os casos, porém, a operação fundamental é a mesma: separar para conhecer. Conhecer é classificar, isolar, definir limites, traçar fronteiras.

Nietzsche, já no século XIX, percebeu a violência dessa operação. Em *Além do Bem e do Mal*, ele escreveu que a crença em categorias opostas é uma "superstição grosseira", um hábito gramatical que confundimos com verdade. Mais tarde, na *Genealogia da Moral*, ele denunciou que as categorias não são neutras — elas carregam hierarquias de poder, valorações morais, juízos de superioridade e inferioridade. O que é "bom" versus "mau", "verdadeiro" versus "falso", "racional" versus "emocional" — tudo isso são categorias que, longe de descrever o real, o produzem segundo os interesses de quem as institui.

O pensamento iorubá nunca operou dessa maneira. Sua lógica não é a da classificação excludente, mas a da articulação integrativa.

A palavra *Isepo* remete etimologicamente às juntas do corpo — aqueles pontos de encontro entre ossos que permitem o movimento. Uma junta não separa: **articula**. Ela conecta dois elementos distintos (o fêmur e a tíbia, por exemplo) e, ao conectá-los, permite que se movam juntos. A articulação é o princípio da mobilidade, da flexibilidade, da adaptação. Sem articulações, o corpo seria uma estrutura rígida e imóvel — uma estátua, não um organismo vivo.

No pensamento iorubá, esse princípio se estende a todas as dimensões do saber. Um provérbio *(òwe*) não é uma categoria que exclui outras formas de conhecimento; é uma junta que articula múltiplas dimensões do real simultaneamente. Quando um ancião diz "Ewékògbélégi, àgbàdokògbélóríigi" ("A folha não se sustenta sem o galho, o milho não se sustenta sem o pé"), ele não está fazendo "botânica" ou "ecologia" ou "ética" ou "epistemologia" separadamente. Ele está articulando todas essas dimensões em um único ato de fala. O conhecimento não está fragmentado — está integrado na articulação.

Paradigma Ocidental (Categorias)	**Paradigma Egun (Isepo)**
Separa sujeito/objeto	Pesquisador participa do campo
Categorias rígidas (filosofia vs. religião)	Juntas articulam saberes (um itan ensina matemática e ética)
Fonte: textos escritos	Fontes: oralidade, gestos, ritmos, plantas

Nietzsche antecipou para o ocidente, à sua maneira, o que os iorubás já praticavam. Ele percebeu que as categorias são invenções humanas que se tornaram hábitos, e que esses hábitos — a crença em opostos como "verdadeiro/falso", "razão/emoção", "espírito/natureza" — são sintomas de uma civilização que perdeu a capacidade de integrar. Ele propôs a transvaloração de todos os valores: não uma nova tabela de categorias, mas a dissolução da própria ideia de que o mundo pode ser capturado em categorias fixas.

O pensamento iorubá vai além. Ele não apenas critica as categorias; ele as substitui por um princípio operacional positivo: a articulação. Enquanto Nietzsche

permaneceu (necessariamente) na negação — na desconstrução —, os iorubás oferecem um caminho construtivo. O Isepo é esse caminho. Ele não diz "não classifique"; ele diz "articule". Não diz "não separe"; ele diz "conecte". Não diz "a realidade não é fragmentada"; ele diz "a realidade é uma teia de articulações, e o conhecimento deve ser uma teia também".

Não há conhecimento sem relação. Essa é a premissa fundamental do *Isepo*. Conhecer não é isolar um objeto e medi-lo com instrumentos neutros. Conhecer é entrar em relação com algo — e, nessa relação, ser transformado por ele. O provérbio iorubá "Ohun tí a kò bá fọwọ́ sí, a kì í rí i" ("O que não colocamos as mãos, não podemos ver") ensina que a relação é condição de possibilidade do conhecimento. A mão que toca não é neutra; ela é parte do que conhece. O toque é uma articulação entre a mão e o objeto. E o conhecimento que emerge desse toque é um conhecimento articulado — situado, encarnado, relacional.

O Isepo, portanto, não é apenas uma ferramenta metodológica. É uma ontologia. É a afirmação de que o real é, em sua essência, articulado. Não existem substâncias isoladas que depois entram em relação; existem relações das quais as substâncias emergem. Como ensina a física quântica contemporânea — que os iorubás nunca precisaram descobrir por que nunca haviam esquecido —, a realidade não é feita de objetos, mas de relações entre objetos. O elétron não tem uma posição fixa; ele tem relações de probabilidade com outros entes. A partícula não é uma substância; é um nó em uma rede de interações.

O Isepo é o princípio iorubá dessa mesma intuição. E o Método Egun é a tentativa de operacionalizá-lo como ferramenta de pesquisa.

Para além da hierarquia: a horizontalidade das juntas

Nas estruturas categóricas, há sempre hierarquia. Substância é superior a acidente; universal é superior a particular; razão é superior a emoção. Essa hierarquia não é inocente — ela reflete e perpetua estruturas de dominação (homem sobre mulher, branco sobre negro, europeu sobre africano, mente sobre corpo).

No Isepo, não há hierarquia. As juntas não são superiores umas às outras. O fêmur não é "mais importante" que a tíbia; ambos são necessários para o movimento. Da mesma forma, o conhecimento ético não é "superior" ao conhecimento botânico; ambos se articulam no mesmo provérbio. A matemática não está "acima" da espiritualidade; elas se conectam na mesma prática ritual *(ebó)*. A filosofia não está "antes" da arte; elas coexistem no mesmo gesto criador.

Essa horizontalidade é uma das marcas distintivas do pensamento iorubá. E é também o que torna o Método Egun particularmente adequado para pesquisas que envolvem saberes tradicionalmente marginalizados. Ao recusar hierarquizações, o método desarma, na raiz, o epistemicídio. Não é preciso "elevar" o saber de terreiro ao status de "filosofia" — porque o método já parte do princípio de que ele sempre foi filosofia, e que a filosofia ocidental é apenas uma articulação possível entre muitas.

As categorias operam no tempo linear. Primeiro o passado, depois o presente, depois o futuro. O que veio antes é "ultrapassado"; o que vem depois é "avanço". Essa linearidade é a base do mito do progresso, que por sua vez é a base da colonização: o europeu, "mais avançado", tem o direito (e o dever) de civilizar o africano, "atrasado".

O Isepo opera no tempo espiralar. O passado não é ultrapassado; ele retorna, mas retorna diferente. O ancestral *(Egun)* não é um morto; é uma presença viva que se articula com o presente. O provérbio antigo não é uma relíquia; é um enunciado que continua a produzir sentido hoje. O tempo não é linear; é circular, espiralar, recursivo. Como ensina o provérbio: "Ọmọdé gbọ́n, àgbà gbọ́n, l'afi dá Ilé-Ifẹ̀" ("A criança é sábia, o ancião é sábio: assim se construiu Ifé"). O tempo não separa as gerações — articula-as.

Essa compreensão do tempo está diretamente ligada à ancestralidade. Os *Egun* não estão "no passado"; estão no presente, agindo, influenciando, ensinando. O Método Egun, ao incorporar o *Àjò Egun* como pilar de validação, opera nesse tempo espiralar: o conhecimento produzido no presente é validado pelos ancestrais, que estão no passado, mas falam ao presente. A articulação não é apenas entre disciplinas; é entre tempos.

A universidade moderna é organizada por categorias: departamentos, disciplinas, áreas de conhecimento. Um pesquisador de filosofia não conversa com um pesquisador de biologia; um físico não lê um antropólogo. Essa fragmentação é a institucionalização das categorias.

O pensamento iorubá, ao operar por juntas, é intrinsecamente transdisciplinar. Um *òwe* sobre folha é simultaneamente botânica (a folha cresce no galho), ecologia (a folha depende do galho), ética (a interdependência como valor), epistemologia (o conhecimento isolado é impossível). Não há departamento que comporte um *òwe*. O *òwe* recusa a fragmentação disciplinar. Ele é, ele mesmo, uma junta articulando saberes que o Ocidente insistiu em separar.

O Método Egun, ao tomar o *òwe* como unidade de análise, herda essa transdisciplinaridade. Ele não precisa "integrar" disciplinas — porque nunca as separou. A integração não é um esforço; é o ponto de partida.

Adotar o *Isepo* como princípio epistemológico é mais do que mudar de método. É mudar de atitude filosófica. É recusar a violência da classificação em nome da delicadeza da articulação. É abandonar a soberania da categoria em favor da reciprocidade da junta. É trocar a rigidez da hierarquia pela fluidez da conexão.

O provérbio iorubá resume essa atitude: *"Ọwọ́ kan kò gbé erù d'órí"* ("Uma mão sozinha não carrega o fardo"). O conhecimento não é um fardo que se carrega sozinho. É uma articulação de mãos — de saberes, de gentes, de tempos, de mundos. O *Isepo* é o nome iorubá para essa articulação. E o Método Egun é a sua tradução em procedimento de pesquisa.

Pilares do Método Egun

O *Ona Egun* estrutura-se em quatro pilares, que são simultaneamente princípios cósmicos e etapas cognitivas do processo de pesquisa.

A primeira operação do método é escutar a história. Na ciência ocidental, isso seria chamado de "revisão de literatura" ou "coleta de dados". No Método Egun, é a escuta dos *itans* — as narrativas míticas, os provérbios *(òwe)*, os cantos, as histórias da comunidade sobre a origem de um rio, de uma doença, de um costume.

Estes não são "mitos" no sentido pejorativo de ficção, mas códigos complexos que armazenam observação empírica milenar, leis ecológicas e princípios éticos. Um provérbio como "Ewékògbélégi, àgbàdokògbélóríigi" ("A folha não se sustenta sem o galho, o milho não se sustenta sem o pé") é, ao mesmo tempo, um princípio agronômico sobre crescimento, uma ética sobre interdependência e um ensinamento espiritual sobre comunidade.

O pesquisador, no Método Egun, não é um observador neutro. Seu *Ori-Inú* — seu caminho escolhido, seu projeto existencial profundo — é o filtro através do qual a investigação se dará. Isto substitui a ficção da "objetividade" pela ética da responsabilidade.

A pergunta de pesquisa não é "o que eu quero provar?", mas "qual a questão que meu *Ori*, em diálogo com o axé deste lugar e desta comunidade, está sendo chamado a enfrentar?". A hipótese inicial é, na verdade, uma intuição sintonizada com o campo de forças, que será refinada no diálogo.

A pesquisa não se faz apenas com leitura e escrita — faz-se com corpo presente, com participação real, com vivência respeitosa. O terreiro não é "campo" — é casa. A comunidade não é "objeto" — é família.

O registro da pesquisa não é a anotação passiva em um caderno. É um ato ritual de *Iwé-Àsẹyọ* — a escrita que carrega axé, que fixa e ao mesmo tempo modifica a realidade observada. Pode ser a escrita do diário de campo, mas realizada com a intenção de um *ebó* (oferenda); pode ser a composição de um canto ou a coreografia de uma dança que sintetiza o aprendizado. O documentário Agô lonan, https://www.youtube.com/watch?v=qzSYkFXmCw0, produzido no âmbito desta pesquisa, é um exemplo de *Ìṣẹ́ Ṣíṣe*: não é um "registro sobre", mas um ritual audiovisual que ativa memória, gera conexão e intervém no real.**)**

A validação do conhecimento produzido não acontece por revisão por pares anônimos em uma revista indexada. Ocorre na plenária da comunidade ancestral, *o Àjò Egun*. É quando os achados da pesquisa são apresentados e debatidos no terreiro, no quilombo, na roda dos mais velhos. A sabedoria dos ancestrais (através dos mais idosos, dos sacerdotes) e a reação do axé coletivo (a sensação de "fechamento", de compreensão compartilhada, de energia harmonizada) são os critérios últimos de veracidade e relevância. O conhecimento só é "verdadeiro" se fortalecer o axé da rede.

Aplicação metodológica

Um método que se pretende universal, mas não se deixa experimentar em diferentes terrenos aleatoriamente, é como uma árvore sem raízes: pode ter beleza formal, mas não produz frutos. O Método Egun não foi concebido para ficar confinado às páginas da tese ou aos terreiros onde nasceu. Ele é, por definição, um caminho — *Ona* — e caminho só existe quando é percorrido.

Ao longo da pesquisa, o Método Egun foi aplicado em contextos diversos, não como um protocolo rígido a ser replicado mecanicamente, mas como uma orientação epistemológica que se adapta à especificidade de cada objeto, de cada comunidade, de cada pergunta. O que permanece constante são os princípios — a centralidade da ancestralidade, o diálogo como procedimento, a validação comunitária como critério de verdade. O que se transforma é a forma de aplicá-los.

Como ensina o provérbio iorubá: *"Ọ̀nà kì í ṣeé tọ́ fún ẹnìkan, a sì máa ń tọ́ fún ẹlòmíràn"* — "O caminho que não dá certo para um, dá certo para outro". O Método Egun não é uma camisa de força; é uma orientação flexível que respeita a singularidade de cada encontro de pesquisa.

Nosso método foi aprimorado e aplicado no âmbito da pesquisa de doutorado que investiga a dimensão filosófica das comunidades de terreiro iorubá no Brasil e na Nigéria.

A metodologia orientou a coleta de dados em 8 comunidades na Bahia e 8 comunidades na Iorubalândia, utilizando os quatro pilares — Ìtàn, Ori-Inú, Ìṣẹ́ Ṣíṣe, Àjò Egun — como estrutura para entrevistas, observação participante e registro audiovisual. Os resultados incluem a produção de documentários, a publicação de artigos e a sistematização de provérbios iorubás.

O Método Egun fundamentou o Termo de Cooperação Técnica entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Lagos State University (LASU), estabelecendo as bases para o estágio sanduíche e para a missão acadêmica internacional. A metodologia orientou o planejamento das atividades conjuntas, garantindo o respeito aos protocolos culturais e a horizontalidade nas relações acadêmicas entre Brasil e Nigéria.

https://www.camacariagora.com.br/dn.php?cod_noticia=27610

O Método Egun foi aplicado na orientação de pesquisa de pós graduação, sobre a ressignificação de Exu na tradição iorubá e no imaginário afro-brasileiro, em pesquisas de Conclusão de Curso (LASU) Sobre Linguagens na, pensamento filosófico afrobrasileiro. O pesquisador orientando utilizou os pilares do método para analisar comparativamente as representações de Exu na Nigéria e no Brasil, com ênfase nos processos de estigmatização decorrentes da colonização. Projeto Exu Entre Dois Mundos - em fase de publicação.

No âmbito do Projeto IGI, desenvolvido na Diretoria de Meio Ambiente da SEDUR (Camaçari), o Método Egun orientou a pesquisa sobre os saberes ambientais das comunidades tradicionais de Camaçari, incluindo pescadores artesanais, marisqueiras, quilombolas e povos de terreiro. A metodologia permitiu articular conhecimento ecológico tradicional com políticas públicas de preservação ambiental. https://www.camacariagora.com.br/dn.php?cod_noticia=27641. Publicado na Revista AnCo (PPGDC/UNEB), o artigo aplica o Método Egun à análise da relação entre criatividade, natureza e cognição, demonstrando como os provérbios iorubás podem ser lidos como algoritmos filosóficos que articulam diferentes dimensões do saber.

https://revistas.uneb.br/index.php/anco/article/view/20866

2.6 Coluna no Portal Camaçari Agora — Série "África, Brasil e o Orixá"

A série de artigos publicada no Portal Camaçari Agora aplica o Método Egun à análise da geopolítica africana, da intolerância religiosa e da difusão do conhecimento ancestral. Os

textos utilizam provérbios iorubás como chave de leitura para fenômenos contemporâneos, demonstrando a atualidade do pensamento ancestral.

- https://www.camacariagora.com.br/dn.php?cod_noticia=27533
- https://www.camacariagora.com.br/dn.php?cod_noticia=27545
- https://camacariagora.com.br/index.php (2025)

Análise de casos

Contexto de Aplicação	**Principais Achados**	**Produtos Gerados**
Pesquisa de Doutorado (Brasil/Nigéria)	Validação do terreiro como espaço de produção filosófica	Tese, documentários, artigos
Pesquisa sobre Exu, Literatura e pensamento afrobrasileiro (orientando)	Desconstrução de estereótipos sobre cultura Iorubá	Projeto de pesquisa, artigo acadêmico
Projeto IGI (SEDUR)	Articulação entre saberes tradicionais e políticas públicas	Relatórios técnicos, oficinas comunitárias
Cooperação UNEB/LASU	Estabelecimento de parceria acadêmica Sul-Sul	Termo de Cooperação, missão internacional
Artigo AnCo	Demonstração da transdisciplinaridade dos òwe	Publicação científica
Coluna Camaçari Agora	Difusão do conhecimento ancestral para o grande público	11 artigos publicados

O Método Egun demonstrou sua validade e fecundidade em múltiplos contextos: da pesquisa acadêmica de ponta à orientação de estudantes, da cooperação internacional à assessoria técnica em políticas públicas, da publicação científica à difusão jornalística. Em cada um desses campos, a metodologia não apenas produziu resultados relevantes, mas também demonstrou sua capacidade de **adaptação** sem perder sua essência — a

centralidade da ancestralidade, o diálogo como procedimento, a validação comunitária como critério de verdade.

Como ensina o provérbio iorubá: *"Bí a bá rí irú ẹni, a ó rí Egun ẹni"* — "Se encontrarmos nosso semelhante, encontraremos nosso ancestral". O Método Egun tem encontrado seus semelhantes em diferentes campos do saber — e, em cada encontro, tem reencontrado sua própria ancestralidade.

O Método Egun foi aplicado na pesquisa de campo na Bahia (8 comunidades de terreiro ketu na Região Metropolitana de Salvador) e na Nigéria (Ilé-Ifẹ̀, Òṣogbo, Ìbàdàn, Ọyọ́), no âmbito do estágio sanduíche financiado pela CAPES (2025-2026). As técnicas de coleta de dados incluíram:

- **Observação participante** em rituais, cerimônias e atividades cotidianas;
- **Entrevistas semiestruturadas** com babalorixás, ialorixás, babalaôs, iyanifás e alagbás;
- **Registro audiovisual** de práticas rituais, cantigas, danças e uso de elementos naturais;
- **Revisão documental** de obras de referência e arquivos comunitários;
- **Grupos focais** com sábios e sábias das comunidades.

Os dados foram analisados qualitativamente, por meio de análise de conteúdo (articulação em temas como ancestralidade, interdisciplinaridade, ética e cosmologia), análise temática (identificação de padrões recorrentes), análise hermenêutica (interpretação de provérbios à luz da filosofia africana) e análise comparativa (contraste entre Brasil e Nigéria).

A aplicação do Método Egun produziu os seguintes resultados:

1. **Coleta de um corpus inédito** de provérbios *(òwe),* narrativas *(itan)* e descrições rituais, tanto no Brasil quanto na Nigéria;
2. **Desenvolvimento de um modelo de análise** baseado em juntas epistemológicas *(Isepo)*, que articula diferentes dimensões do saber sem hierarquização;
3. **Produção de materiais de difusão** (documentários, catálogo trilíngue de provérbios, exposição de arte visual) que devolvem os resultados às comunidades;
4. **Fortalecimento da rede de colaboração** entre UNEB e LASU, consolidando a cooperação acadêmica Sul-Sul.

O método demonstrou sua eficácia na pesquisa sobre saberes tradicionais, permitindo:

- **Respeitar os protocolos culturais** das comunidades;
- **Valorizar a oralidade** como fonte legítima de conhecimento;
- **Integrar diferentes dimensões do saber** (ciência, arte, espiritualidade);
- **Devolver os resultados** às comunidades de forma acessível e significativa.

Ona Egun constitui-se como uma contribuição original para o debate sobre metodologias de pesquisa em contextos interculturais. Ele oferece um caminho para a contracolonização do conhecimento, ao partir de pressupostos epistemológicos africanos e não apenas aplicar categorias ocidentais a objetos africanos.

Entretanto, o método não se pretende normativo. Ele é uma ferramenta situada, desenvolvida a partir de um contexto (as comunidades de terreiro iorubás no Brasil e na Nigéria) e para ele dirigida. Cada pesquisador que deseje aplicá-lo deverá adaptá-lo ao seu próprio contexto, à sua própria ancestralidade, à sua próprio cosmo percepção de pertencimento.

Como ensina o provérbio iorubá: "Ohun tí a kò bá fọwọ́ sí, a kì í rí i" — "O que não tocamos com as mãos, não podemos ver". O Método Egun é um convite ao toque — ao encontro respeitoso entre pesquisador e comunidade, entre academia e terreiro, entre ciência e ancestralidade.

O Método Egun não se apresenta como uma fórmula pronta nem como um conjunto de técnicas padronizadas aplicáveis a qualquer contexto de forma aleatória . É, antes, uma orientação epistêmica que convida o pesquisador a se reposicionar diante do mundo: não como observador distante que classifica e hierarquiza, mas como participante em relação que articula saberes, respeita protocolos e valida seus achados em diálogo com a comunidade e com os ancestrais. Sua força reside precisamente nessa recusa à violência das categorias fixas e na aposta em uma epistemologia da articulação — o *Isepo* — que não separa ciência de espiritualidade, razão de emoção, presente de passado. Ao longo de suas aplicações — da pesquisa de doutorado à cooperação internacional, da orientação acadêmica à assessoria em políticas públicas —, o método demonstrou não apenas sua validade, mas sua fecundidade: ele produz conhecimento que não extrai, mas relaciona-se; que não coloniza, mas dialoga; que não acumula, mas difunde.

Que este caminho — o *Ona Egun* — não se encerre nestas páginas. Que outros pesquisadores, em outros contextos, possam tomá-lo como inspiração, adaptando-o às

suas próprias ancestralidades e às suas próprias perguntas. Pois, como ensina o provérbio iorubá, *"Bí a bá rí irú ẹni, a ó rí Egun ẹni"* — "Se encontrarmos nosso semelhante, encontraremos nosso ancestral". O Método Egun é um convite permanente a esse encontro: entre pesquisador e comunidade, entre academia e terreiro, entre ciência e ancestralidade. Que o toque — esse gesto fundamental que inaugura todo conhecimento — continue a se dar, com respeito, com humildade, com axé na difusão do conhecimento.

REFERENCIAS

BISPO, Antônio (Nego Bispo). *Quilombos: modos e significados*. Entrevistas e manuscritos. [Registros orais e escritos do autor], 2023.

BORGES, João Teixeira. *Cadernos de Campo: Pesquisa na Nigéria*. Lagos/Camaçari, 2025-2026.Òwe àti ìmỌ̀: Uma Análise Cognitiva da Transcontempoareidade. não publicado.

BORGES, João Teixeira. *Cadernos de Campo: Pesquisa na Nigéria*. Lagos/Camaçari, 2025-2026. [Manuscrito não publicado].

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

OLUWOLE, Sophie. *Socrates and Orunmila: Two Patron Saints of Classical Philosophy*. 3. ed. Lagos: Ark Publishers, 2017.

OXÓSSI, Mãe Stella de. *Òwe: Provérbios*. Salvador: Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá, 2007.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira*. São Paulo: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.